

Vínculos relacionais altoandinos: perspectivas nascidas dos modos de vida das mulheres artesãs camponesas da Colômbia, a partir do trançado e tramado de artesanatos.

Altoandinos relational bonds: perspectives born from the lifestyle of artisan women peasants in Colombia, from the braiding and weaving of handicrafts.

GALEANO-COBOS, Jeidi Yasmin^{1,2}; COELHO-DE-SOUZA, Gabriela¹;
ACEVEDO-OSORIO, Álvaro²

¹ Círculo de Referência em Agroecologia, Sociobiodiversidade, Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (AsSsAN-CR/ PGDR/ UFRGS) e ² Grupo de Investigación Agricultura Ambiente y Sociedad (AGRAS/UNAL), jygalc4@gmail.com; ¹ Círculo de Referência em Agroecologia, Sociobiodiversidade, Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (AsSsAN-CR/ PGDR/ UFRGS) gabrielacoelho.ufrgs@gmail.com; ² Grupo de Investigación Agricultura Ambiente y Sociedad (AGRAS/UNAL), aacevedoo@unal.edu.co

RESUMO EXPANDIDO

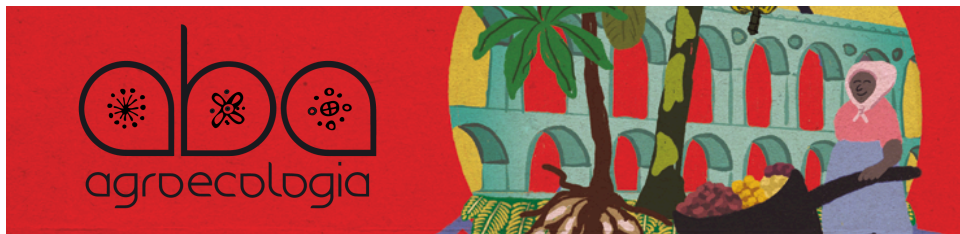
Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Resumo: Este trabalho apresenta o extrativismo sustentável de produtos florestais não madeiráveis do Páramo e Bosque Andino, a agricultura diversificada e a pecuária de pequeno porte, como vínculos relacionais do mundo artesanal alto andino, dentro de uma complexidade atravessada pelas relações de gênero. Os vínculos perspectivados a partir de um esforço etnográfico, foram orientados pelas escrituras de um grupo de mulheres artesãs camponesas do município de Tibaná, Boyacá, Colômbia. Apresentam-se uma série de fatores positivos e negativos que caracterizam o mundo artesanal camponês e feminino, com os quais chama-se a atenção da comunidade científica feminista de base comunitária, territorial, camponesa, popular e decolonial, para debruçar esforços com enfoque agroecológico, etnobiológico e de gênero, que deem conta da complexidade atrelada ao mundo artesanal rural feminino.

Palavras-chave: feminismos populares, agroecologia, extrativismo sustentável, conservação da biodiversidade pelo uso.

Introdução

Este trabalho apresenta parte das relações baseadas no pensar/sentir/fazer/viver de um grupo de mulheres artesãs camponesas habitantes do município de Tibaná, Estado de Boyacá, Colômbia, cujas relações e experiências com o território altoandino dizem sobre a construção agroecológica desde uma perspectiva de gênero e dos **feminismos comunitários, territoriais, camponeses, populares e decoloniais** (FONSECA; GUZZO, 2018; LUGONES, 2008; REDE BRASILEIRA DE MULHERES FILÓSOFA, 2020; RIBEIRO, 2017). A pesquisa na íntegra intitula-se “¡Soy artesana campesina hasta los huesos!”: manifestações artísticas tramadas e



trançadas por mulheres campesinas da alta montanha em Tibaná, Boyacá, Colômbia”, e compõe o construto intelectual etnográfico da primeira autora, realizado particularmente durante seu doutorado em Desenvolvimento Rural (GALEANO-COBOS, 2022).

A partir de escrituras (EVARISTO, 2005), apresentam-se aqui os vínculos relacionais constituídos pelos modos de vida das mulheres artesãs campesinas, sendo estes: o extrativismo sustentável de produtos florestais não madeiráveis; a agricultura diversificada ou agrobiodiversa (MEDEIROS; ALBUQUERQUE, 2012); e a pecuária de pequeno porte. Três elos vinculantes da realidade campesina, e relacionados intimamente com a criação artesanal que, em conjunto, integram a complexidade do mundo artesanal e da vida rural feminina.

Em suma, este trabalho descreve os vínculos relacionais constituintes do mundo artesanal altoandino atravessados pela categoria de gênero, destacando o papel das mulheres artesãs campesinas como tecedoras desse mundo, dinamizadoras dos processos econômicos, das estratégias de resistência, defensoras da sociobiodiversidade altoandina e guardiãs da conservação da biodiversidade pelo uso.

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida no município de Tibaná, Boyacá, Colômbia (Figura 1), localizado a uma variação altitudinal entre 1.750 e 3.500 m.s.n.m., na interconexão ecossistêmica Páramo e Bosque Andino do maciço Mamapacha Bijagual.

A pesquisa de cunho etnográfico foi realizada junto a um grupo de 13 mulheres artesãs campesinas habitantes do território altoandino. Explorou por meio de escrituras (EVARISTO, 2005) «ato/fato de escrever sobre as experiências subjetivas, intersubjetivas e corpóreas, quer sejam próprias da pesquisadora etnógrafa, e/ou das pessoas interlocutoras da pesquisa», os vínculos relacionais que as mulheres artesãs mantêm no seu mundo artesanal.

Técnicas de pesquisa dos campos científicos agroecológico e etnobiológico, tais como a observação participante (FOOTE-WHYTE, 1990), conversas informais, acompanhamento compartilhado das atividades diárias do campo «ordenha, alimentação dos animais, colheitas das culturas, preparação dos alimentos, etc.» e, caminhadas etnobotânica para a coleta de fibras naturais no Páramo e Bosque Andino foram utilizadas na pesquisa. Notas e diários de campo (CAMPOS; SILVA; ALBUQUERQUE, 2021), entrevistas semiestruturadas, e quando permitido pelas interlocutoras e interlocutores, registro audiovisual com fotografia, completaram o arcabouço metodológico da pesquisa.

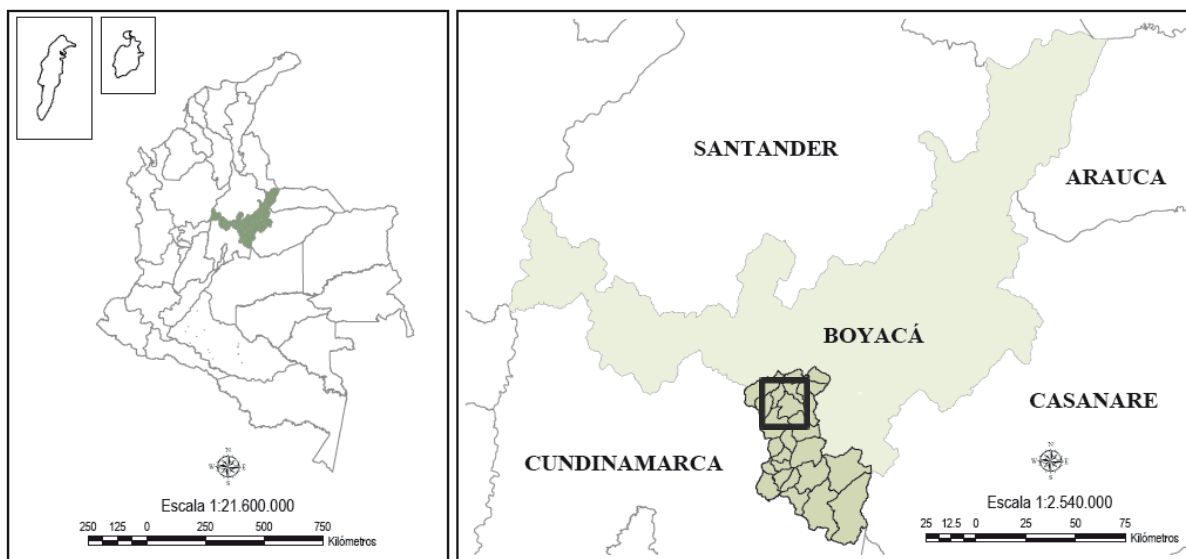
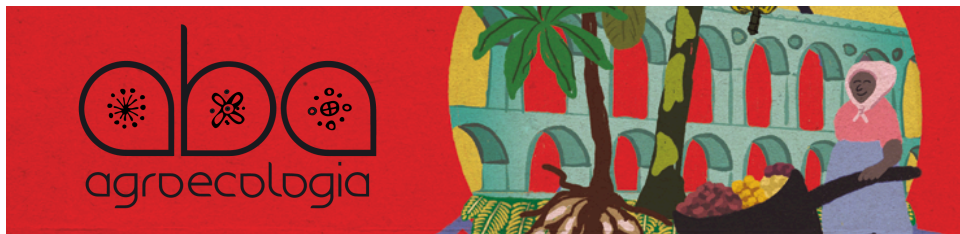


Figura 1. Mapa de localização do Município de Tibaná, no Estado de Boyacá na Colômbia.
Fonte: Adaptado pela autora do Atlas Geográfico e Ambiental de CORPOCHIVOR (2010).

Resultados e Discussão

O mundo artesanal altoandino de Tibaná gira em torno da cestaria, uma arte originária tecida e tramada particularmente por mulheres (BUSTOS, 1994). As fibras naturais entretecidas são duas principalmente: o pasto nativo *paja blanca* (*Calamagrostis effusa*), extraído do Páramo, e a gaita (*Rhipidocladum geminatum*), bambu nativo extraído do Bosque Andino (Figura 2). Ambas as fibras são extraídas de maneira sustentável dos ecossistemas naturais. A cada coleta realizada pelas artesãs, promove-se a rebrota de novas folhas da *paja blanca* e de novos rebrotos “*bretones*” da gaita, quando cortados os colmos maduros (GALEANO-COBOS, 2022). O acúmulo experiencial do saber/fazer artesanal alimenta-se das dinâmicas de vida campesina, sendo ancestral a transmissão de conhecimentos sobre o tecido e tramado de balaios e, sobre a lida no campo, particularmente das mulheres mais velhas e sábias, para as mais jovens.

A pecuária, a agricultura e o extrativismo sustentável das fibras naturais desvelaram-se como vínculos relacionais do mundo artesanal campesino (Figura 2), ao escutar as escrivências que desde a infância marcaram a vida das artesãs. Por conta da cria do gado, contam as mulheres que desde crianças costumaram-se a subir e descer pela montanha diariamente, pois moravam na parte baixa, em lugares afastados das zonas de pastejo localizadas na parte alta. Nos percursos ou durante a estadia na parte alta da montanha, desenvolviam uma série de atividades vinculadas à pecuária e à biodiversidade da transição Bosque Andino e Páramo. Pastorear o gado, ordenhar, fazer queijos, coletar *paja blanca* e gaita, tecer balaios e até coletar frutos vermelhos como amora (*Rubus* spp.), andrinas (*Myrcia* spp.) e uva camarona (*Macleania rupestris*), destinados para a venda ou para o autoconsumo. Os balaios tramados em gaita acompanhavam as jornadas, pois tanto os frutos coletados ou extraídos, como os alimentos preparados para consumo



durante o dia, eram embalados em balaios que serviam para conter, armazenar e transportar.



Figura 2. Vínculos relacionais altoandinos que compõem o mundo artesanal altoandino campesino feminino.

Fonte: Autoria própria.

O trabalho do lar e a pecuária são atividades que têm ocupado boa parte do dia a dia das artesãs desde muito cedo, seguido de uma agricultura diversificada composta por cultivos consorciados. Batata (*Solanum tuberosum*), arracacha (*Arracacia* spp.), laurel (*Laurus nobilis*) rubas ou chuguas (*Ullucus tuberosus*), ibias ou batata oca (*Oxalis tuberosa*), cubios (*Tropaeolum tuberosum*), milho (*Zea mays*), favas (*Vicia faba*), feijão (*Phaseolus vulgaris*), curuba (*Passiflora mollissima*), amora (*Rubus* spp.), macieira (*Malus domestica*), pera (*Pyrus communis*), entre outras, são algumas das espécies que ocupam os quintas das artesãs, principalmente em arranjo agroflorestal.

O tecido de artesanatos é feito principalmente à noite ou de madrugada, assim o manifestou uma das artesãs em entrevista: “*a tejer le dedico las tardecitas y noches apenas, temprano me toca ver ganado, hacer desayuno, almuerzo, lavar, los oficios rutinarios que a veces uno no puede dejar de hacer. Si dejo un día sin lavar, no importa, pero los animales si, necesariamente tengo que verlos de día*”, conta uma das artesãs. Apesar de que os ritmos de trabalho não sejam os mesmos do passado, pela mudança de moradia para zonas mais baixas e intermédias da montanha, ou, porque as artesãs manifestaram não ter mais saúde para lidar com animais da mesma forma como quando jovens, durante a pesquisa observou-se que a jornada de muitas das mulheres artesãs começava de madrugada e finalizava a



altas horas da noite, quando grandes pedidos de artesanatos deviam ser entregues ou, a participação de feiras artesanais assim o exigia.

Apesar do esgotamento de todo um dia de trabalho no campo, quer seja por conta da coleta de paja blanca ou de gaita, da pecuária ou da agricultura, as artesãs sempre teciam. Teciam de madrugada, de noite e de dia enquanto aguardam o cozimento dos alimentos que elas também preparam, orientavam os deveres de casa de filhas e filhos, atendiam o marido ou enquanto alimentavam e cuidavam dos animais de cria.

Neste sentido, a ação criativa de tramar e trançar fibras que resultava na materialidade de um balaio, envolvia muitas outras ações concomitantes naturalizadas socialmente como trabalho de mulher.

No entanto, o que para os olhos da pesquisadora era uma sobrecarga de trabalho, para as artesãs representava uma paixão, uma alegria, saúde para seus corpos e mentes, pois segundo as artesãs, o fato de tecer balaios tira o estresse da pessoa, libera preocupações, foca o pensamento e alivia as dores físicas e emocionais. Por tanto, tecer e tramar artesanatos representava para as artesãs o poder *de* transmutação dos materiais naturais em arte tecida, poder *de* criação de algo novo que nem todo mundo tem capacidade de fazer, poder *de* conexão com o território, pois as mulheres são capazes de tecer enquanto escutam e prestam atenção do que acontece no entorno (GALEANO-COBOS, 2022).

Assim, o mundo artesanal campesino e feminino é complexo, fazendo parte dessa complexidade uma série de fatores, a saber, desde o ponto de vista positivo: as mulheres se autorreconhecem como artesãs e campesinas «até os ossos!», o que lhes permite transitar entre as dimensões do produtivo e do criativo, manejando suas economias próprias em relação aos seus companheiros homens. A agricultura e a pecuária manejadas pelas mulheres possuem uma alta diversidade de espécies de plantas, sementes e raças animais crioulas, assim como arranjos agroflorestais. Tais sistemas agroecológicos construídos pelas mulheres artesãs campesinas, as coloca como agentes de resistência perante às dinâmicas promovidas pelo agronegócio. Por outro lado, as manifestações artísticas campesinas materializadas em diversos balaios, guardam em si a interconexão ecosistêmica entre o Páramo e o Bosque Andino de onde extraem de maneira sustentável, fibras naturais e plantas tintoriais para a criação artesanal. Esta conexão é mantida pelos modos de vida campesina que diz sobre a construção da sociobiodiversidade altoandina.

Desde o ponto de vista negativo, o mundo artesanal campesino e feminino é complexo porque: primeiro, as mulheres são reconhecidas como “artesãos” «no masculino» só dentro do mundo artesanal, mas fora dele, são reconhecidas “como a mulher de fulano de tal”. Segundo, a ação criativa de tramar e trançar um balaio, habitualmente exercida à noite ou de madrugada, envolve muitas outras atividades concomitantes, tais como o trabalho do lar, de cuidado dos filhos, dos animais e da horta caseira. Terceiro, a invisibilização institucional e na regulamentação ambiental da coleta ou extrativismo sustentável de fibras e frutos, como prática que compõe os



modos de vida campesina, inibe as pautas sobre as formas de conservar a biodiversidade pelo uso (GODINHO, 2017; ICMBIO, 2018).

Conclusões

As relações estabelecidas entre mulheres e o território altoandino, são orientadas pelas dinâmicas de vida campesina que envolvem a criação artesanal, a agricultura diversificada, a pecuária de pequeno porte e o extrativismo sustentável de fibras naturais e frutos. A coexistência dessas atividades, apresenta-se com os vínculos relacionais do mundo artesanal campesino altoandino, atravessados pelas relações de gênero. Neste sentido, chama-se a atenção sobre a importância de debruçar esforços da pesquisa com enfoque agroecológico, etnobiológico e de gênero, para compreender a complexidade atrelada ao mundo artesanal da vida rural feminina.

Através das manifestações artísticas campesinas é possível ressignificar o conceito de extrativismo na Colômbia, pois no país, até agora, o extrativismo está radicalmente relacionado com os atributos negativos associados ao extrativismo mineiro e madeireiro. Esta concepção, deixa de lado os atributos positivos da prática milenar de coletar ou extrair de forma sustentável fibras e frutos, associada aos modos de vida rurais. Prática que, desde o começo da história das agriculturas, tem moldado os ecossistemas naturais, dando pautas para promover em tempos contemporâneos, a conservação da biodiversidade a partir do seu uso e manejo sustentável.

Agradecimentos

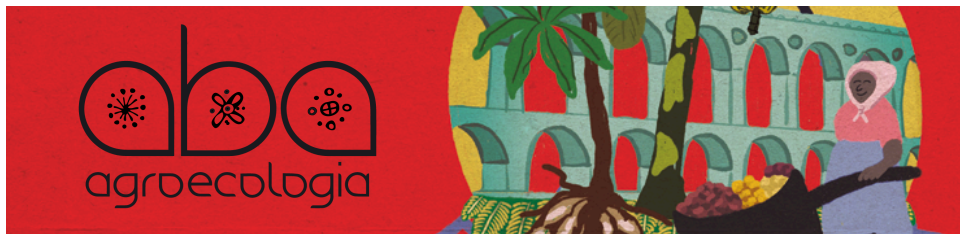
Às mulheres artesãs de Tibaná, à *Asociación de Artesanas de Paja Blanca y Fique* (ASOPAFIT), especialmente à artesã Blanca Lilia Leguizamón por seu apoio na interlocução e contatos durante o desenvolvimento da pesquisa. Ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) pelo apoio financeiro na pesquisa de campo.

Referências bibliográficas

BUSTOS, Marta Lucía. Cestería y mundo femenino. **Historia Crítica**, n. 9, p. 30–35, 1994. Disponível em: <file:///C:/Users/JEIDI/Downloads/Dialnet-CesteriaYMundoFemenino-2186778.pdf>.

CAMPOS, Juliana Loureiro Almeida; DA SILVA, Taline Cristina; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino. Observação Participante e Diário de Campo: quando utilizar e como analisar? **Métodos de pesquisa qualitativa para Etnobiologia**, n. April, p. 95–112, 2021.

CORPOCHIVOR. **Atlas Geográfico y Ambiental de CORPOCHIVOR**. Primera ed. Tunja: Fondo Mixto para la Promoción de la Cultura y las Artes de Boyacá, 2010. Disponível em:



<<https://www.corpochivor.gov.co/entidad-2/publicaciones-2/atlas-geografico-ambiental/>>.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). . **Mulh. no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora**. João Pessoa: Idéia/Editora Universitária, 2005. p. 1–15.

FONSECA, Inara; GUZZO, Morgani. Feminismos y herida colonial: una propuesta para el rescate de los cuerpos secuestrados en. n. 29, p. 65–84, 2018.

FOOTE-WHYTE, Willam. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). . **Desvendando máscaras sociais**. 2da. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A, 1990. p. 77–86.

GALEANO-COBOS, Jeidi Yasmin. “**¡Soy artesana campesina hasta los huesos!**”: **manifestações artísticas tramadas e trançadas por mulheres campesinas da alta montanha em Tibaná, Boyacá, Colômbia**. 2022. 385 f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/251793>>.

GODINHO, Tiago de Oliveira. **Palmeira juçara: conservação pelo uso**. . Venda Nova do Imigrante: II Semana do Meio Ambiente - Instituto Lorentzen, 2017.

ICMBIO. **Catálogo de Produtos da Sociobiodiversidade do Brasil ofertados pelos povos e comunidades tradicionais em Unidades de Conservação Federais**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2018. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/publicacoes/publicacoes-diversas/catalogo_de_produtos_da_sociobiodiversidade_do_brasil.pdf>.

LUGONES, Maria. Colonialidad y Género. **Tabula Rasa**, v. 9, n. Julio-Diciembre, p. 73–101, 2008.

MEDEIROS, Maria Franco Trindade; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. **Dicionário Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia**. Primeira ed. Recife: Nupeea, 2012.

REDE BRASILEIRA DE MULHERES FILÓSOFAS. **Feminismos subalternos por Susana de Castro: sexta aula do curso de Introdução ao Feminismo**. . Brasil: Rede Brasileira de Mulheres Filósofas. Disponível em: <<https://youtu.be/aGB83JzhAL0>>. , 2020

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.